



Inglês como Língua Franca: breve panorama da produção científica de um campo de estudos plenamente consolidado

English as a Lingua Franca: a brief overview of the scientific production of a fully consolidated field of studies

Inglés como Lengua Franca: breve panorama de la producción científica de un campo de estudios plenamente consolidado

Roberta Pereira Peixoto

Secretaria da Educação do Estado da Bahia / Universidade Federal da Bahia

Sávio Siqueira

Universidade Federal da Bahia

Resumo

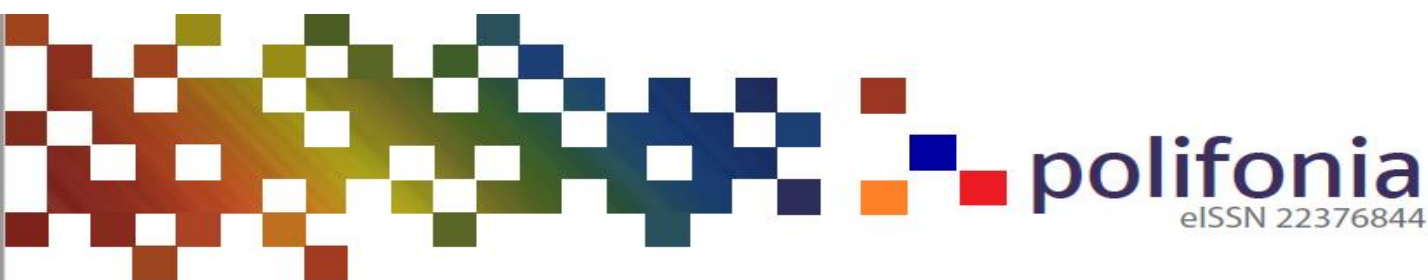
Refletir sobre a peculiar condição do inglês na contemporaneidade é considerar, entre inúmeras questões, o que vem sendo pesquisado e produzido até o momento presente no tocante à descrição do fenômeno e suas implicações a partir de diferentes perspectivas, entre elas, o Inglês como Língua Franca (ILF), conceito e campo científico plenamente consolidados. Neste artigo, portanto, temos como objetivo trazer, inicialmente, uma rápida contextualização sobre o fenômeno ILF para, posteriormente, apresentarmos um breve panorama da produção científica sobre a temática no período de duas décadas aproximadamente. A partir do levantamento feito em diferentes bases de dados científicas nacionais e internacionais, verificamos claramente a evolução no número de publicações relacionadas ao tema, como também constatamos uma certa carência de estudos e publicações oriundas do Brasil.

Palavras-chave: Inglês como língua franca, panorama da produção científica, contribuição brasileira.

Abstract

Reflecting on the peculiar condition of English in the contemporary times is to consider, among several issues, what has been researched and produced up to the present moment, concerning the description of the phenomenon and its implications from different perspectives, including English as a Lingua Franca (ELF), a fully consolidated concept and scientific field. In this article, therefore our objective is initially to provide a brief contextualization on ELF, and, after that, to present a brief overview of the scientific production on the subject within the period of approximately two decades. Drawing on information from different national and international scientific databases, we verify an evolution in the number of publications related to the theme, as well as a certain lack of studies and publications originating in Brazil.

Keywords: English as a lingua franca, overview of the scientific production, the Brazilian contribution.



Resumen

La reflexión sobre la peculiar condición del inglés en la contemporaneidad es considerar, entre innumerables cuestiones, lo que viene siendo investigado y producido hasta el momento presente en lo referente a la descripción del fenómeno y sus implicaciones a partir de diferentes perspectivas, entre ellas, el Inglés como Lengua Franca (ILF), concepto y campo científico plenamente consolidados. En este artículo, por lo tanto, tenemos como objetivo traer, inicialmente, una rápida contextualización sobre el fenómeno ILF para, posteriormente, presentar un breve panorama de la producción científica sobre la temática en el período de dos décadas aproximadamente. A partir del levantamiento hecho en diferentes bases de datos científicas nacionales e internacionales, verificamos claramente la evolución en el número de publicaciones relacionadas al tema, como también constatamos una cierta carencia de estudios y publicaciones oriundas de Brasil.

Palabra clave: Inglés como lengua franca, panorama de la producción científica, la contribución brasileña.

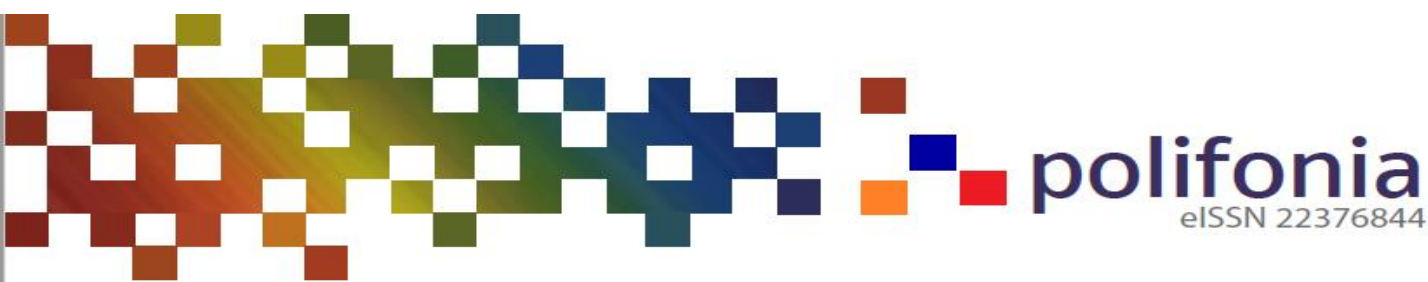
1 Introdução

O inglês alcançou o outrora inimaginável *status* de língua franca global, servindo de idioma de integração entre povos de praticamente todo o planeta. Segundo Berto (2011, p. 139), o “inglês hoje é mais que uma língua estrangeira, é A língua estrangeira para ser aprendida. Ou seja, é a língua que precisamos para usar e compreender em qualquer situação internacional”¹. Dentre os estudos voltados para a expansão dessa língua e as diferentes terminologias recebidas ao longo dos anos, surgem os estudos voltados para o Inglês como Língua Franca (ILF).

Considerando ser a terminologia mais adequada para definir e analisar a condição em que se apresenta o inglês nas mais diversas situações de comunicação mundo afora, assim como o fato de, nos últimos anos, esse campo de estudo vir recebendo a atenção de um número cada vez mais significativo de pesquisadores e estudiosos, acreditamos ser de grande relevância uma ampla verificação do panorama das publicações científicas neste campo, hoje plenamente consolidado, tanto no Brasil quanto internacionalmente.

Na nossa visão, conhecer o que vem sendo dito e escrito a respeito de ILF é essencial para os mais diversos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, em especial, professores em formação e, principalmente, aqueles docentes que, atuando em sala de aula, ainda ostentam práticas voltadas para aspectos pedagógicos considerados

¹ Cf. o trecho original: “*English is, nowadays, more than just another foreign language, it is THE foreign language to be learned. That is, English is the language we need to use and understand in any international situation*”.



‘ultrapassados’, como, por exemplo, o conhecido método da Gramática e Tradução. Afinal, a concepção de ensino baseada em ILF, entre vários aspectos, desafia conceitos e premissas pedagógicas tradicionais e, entre outros aspectos geralmente relevados pela prática de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), ressalta o caráter político do ensino desta língua apropriada e remodelada por comunidades cada vez mais distintas.

Para isso, inicialmente, trazemos uma rápida contextualização sobre o Inglês como Língua Franca, apresentada em Peixoto (2013), reelaborada e redimensionada, para, posteriormente, apresentar um breve levantamento das publicações científicas a respeito desse tópico ao longo de um período de mais ou menos duas décadas. Por fim, buscamos chamar a atenção para o fato de que, embora o campo de ILF já esteja plenamente consolidado internacionalmente, a distribuição da produção científica pode ser ainda considerada muito irregular, com pouca representação de trabalhos oriundos de países como o Brasil, por exemplo, onde o inglês exerce grande influência na condição de língua estrangeira (LE) mais ensinada e aprendida através do sistema educacional, seja na esfera pública ou privada.

2 Contextualizando o Inglês como Língua Franca (ILF)

Segundo Crystal (2003), a partir da década de 50 do século passado, emergiu intensamente a perspectiva sobre a necessidade de uma língua franca que favorecesse a comunicação entre todos os países do mundo, contemplando, assim, as relações humanas globais. Atualmente, “apesar de ser bem aceito por alguns e condenado por outros, não pode ser negado que o inglês funciona com uma língua franca global” (SEIDLHOFER, 2005, p. 339), caracterizando-se, cada vez mais, por sua diversidade, mutabilidade, fluidez e flexibilidade (SUNG, 2018).

Os estudos voltados para o inglês como língua franca (ILF) são relativamente recentes, contudo, se fizermos um passeio na história, veremos que a existência de línguas francas nos remete a um passado distante. Segundo Jenkins *et al.* (2011), o inglês, por exemplo, tem sido utilizado como língua franca desde que a empreitada colonialista britânica alcançou vários países a partir do século XVI. Vale ressaltar que, comparado a outras línguas francas do



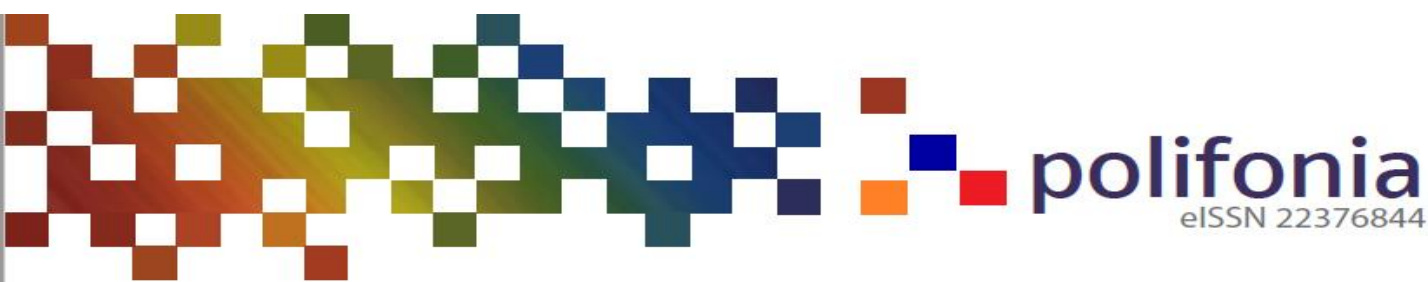
passado, o papel do inglês como uma língua franca global atinge proporções sem precedentes. Conforme descrito pelos citados autores, os primeiros estudiosos a identificarem e descreverem o fenômeno moderno do inglês como língua franca foram dois alemães, Werner Hüllen e Karlfried Knapp, na década de 1980. Pesquisadores de outros países, na visão dos autores, demoraram a perceber a relevância dos estudos apresentados inicialmente pelos alemães sobre esse ‘novo’ fenômeno (Jenkins *et al.*, 2011).

Dessa forma, é somente no início dos anos 2000 que a temática passa a chamar a atenção, principalmente dos linguistas aplicados e dos profissionais ligados ao ensino da língua inglesa (ELI) com a publicação de dois importantes trabalhos. O primeiro, de autoria de Jenkins, publicado em 2000 e intitulado *The phonology of English as an international language*, é um estudo empírico sobre aspectos da pronúncia em ILF. Nele, a pesquisadora identificou algumas das características formais e funcionais apresentadas inicialmente nos estudos alemães e defendeu que a pronúncia do inglês nativo² nem sempre é a condição mais favorável em um contexto de comunicação em que o ILF é utilizado.

A segunda publicação fundadora, de autoria de Barbara Seidlhofer, foi um artigo de 2001 e que tinha como título *Closing a conceptual gap: The case for a description of English as a Lingua Franca*. Nesse estudo, Seidlhofer (2001) argumenta que, apesar de o inglês como língua franca ser bastante utilizado mundo afora, poucas publicações referentes ao tema estavam disponíveis. Na visão da autora, esse fato impedia a aceitação dos falantes de ILF como usuários potenciais da língua, além de sustentar a ideia de que o domínio do inglês nativo seria o objetivo primordial dos aprendizes. Nesse artigo, a professora da Universidade de Viena, Áustria, também apresenta o primeiro corpus de ILF, denominado *Vienna-Oxford International Corpus of English – VOICE*, hoje um repositório importante de dados para pesquisadores da área e, certamente, em constante expansão.

A partir de então, estudiosos de diferentes partes do mundo começaram a voltar-se para essa temática, o que provocou um crescimento considerável no número de publicações, dissertações e teses. Além de conferências nacionais em diversos países, desde 2008, vem sendo realizada uma série de conferências internacionais sobre o ILF, hoje na sua 11ª edição, e, em

² O termo ‘inglês nativo’ refere-se ao inglês falado em países que compõem o *Inner Circle* (Vide nota 4).



2011, foi lançado o *Journal of English as a Lingua Franca* (JELF), publicado pela De Gruyter Mouton e tendo Barbara Seidlhofer como sua principal editora. Em 2018, como parte da coleção “*Routledge Handbooks*”, foi lançado também o *The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca*, organizado por Jennifer Jenkins, Will Baker e Martin Dewey.

Nesse contexto, faz-se necessário que os profissionais ligados à educação linguística, seja ela básica ou superior, principalmente os professores de língua inglesa, conheçam e compreendam esse fenômeno chamado ILF e suas principais implicações a fim de permitir reflexões sobre o ensino dessa língua, considerando diversos aspectos e se portando criticamente diante de conceitos e dicotomias como falante nativo/não nativo, inteligibilidade, forma, função, global/local, entre outros. Conforme o pensamento de Seidlhofer (2005), os estudos voltados para o ILF em toda sua extensão vêm provocando uma compreensão melhor sobre a natureza do fenômeno, o que, para McKay (2002), trata-se de um pré-requisito para as decisões formais, especialmente no que diz respeito a políticas linguísticas e ao ensino de línguas³.

Para Seidlhofer (2005), ainda, o termo *Inglês como Língua Franca* (ILF) surgiu para se referir à comunicação em inglês entre falantes com línguas maternas diferentes e “para quem o inglês é o meio de comunicação escolhido, e, geralmente, a única opção” (SEIDLHOFER, 2011, p.7). Na visão da autora, ILF faz parte de um fenômeno mais amplo que seria, por exemplo, o *Inglês como Língua Internacional* ou *World Englishes*, termos utilizados para definir o uso do inglês em comunicação envolvendo os contextos de países localizados nos chamados *círculos interno, externo e em expansão* (KACHRU, 1985)⁴. Nessa discussão, Mauranen (2018) argumenta que a significância do ILF transcende o contato de algum indivíduo ou grupo em particular com o inglês. Segundo a autora, “o ILF não é apenas uma língua de contato onde o inglês opera como língua local ou simplesmente exerce um papel

³ É importante ressaltar que nessa obra de 2002 McKay adota o termo Inglês como Língua Internacional (ILI).

⁴ Kachru (1985) propõe o modelo de representação conhecido como “os círculos concêntricos” da expansão do inglês. O círculo interno, *Inner Circle*, representa os países nos quais o inglês é utilizado como a primeira língua, como os Estados Unidos, Austrália, Canadá, Reino Unido, Irlanda e Nova Zelândia. Do círculo externo, *Outer Circle*, fazem parte países como Índia, Nigéria, Cingapura, entre outros, onde o inglês é institucionalizado, utilizado como segunda língua. Países como China, Japão, Alemanha, Uruguai e Brasil fazem parte do círculo em expansão, *Expanding Circle*, e estudam/falam o inglês como língua estrangeira.



proeminente em uma determinada comunidade, mas uma língua franca não-local, o meio de comunicação entre pessoas oriundas de qualquer lugar do mundo” (MAURANEN, 2018, p. 7)⁵.

Sendo assim, no âmbito do desenvolvimento dos estudos sobre o avanço global do inglês e seus mais diversos desdobramentos, ambos os paradigmas de pesquisa, *World Englishes* e *Inglês como Língua Franca*, compartilham a ideia plural de que o inglês pertence a todos os que o utilizam, além de basearem suas investigações em aspectos sociolinguísticos, sociopsicológicos, bem como na visão da Linguística Aplicada sobre o tema (SEIDLHOFER, 2009).

Com o avanço dos estudos e o uso mais frequente do termo para descrever a expansão global do inglês, Jenkins (2007) distancia-se do termo inglês como língua internacional (ILI) e, passa a defender a utilização da terminologia inglês como língua franca (ILF) na contemporaneidade, já que, segundo a autora, este último apresenta importantes vantagens em relação aos outros correlatos. Na sua concepção, o ILF enfatiza o papel do inglês em comunicações entre falantes de diferentes línguas maternas, levando em consideração a ideia de comunidade e não de estranheza. Além disso, ela acredita que mesclar diferentes línguas é prática absolutamente corriqueira em espaços multilíngues e, portanto, não há nada de errado em absorver características da língua materna (JENKINS, 2007)⁶.

No ponto de vista de Gimenez *et al.* (2011, p. 14), “forçar-nos a pensar diferente, a considerar alternativas não contempladas antes, a vislumbrar outras possibilidades” estão entre os maiores méritos já alcançados pela perspectiva do inglês como língua franca. Para as autoras, ao elegermos o inglês como língua franca, emergem algumas implicações, como, por exemplo:

- 1) Ressignificação dos motivos para se aprender inglês, que passariam a enfatizar a ideia de que queremos nos comunicar com outros falantes não nativos de inglês ao redor do mundo;
- 2) Incorporação de outras variedades de inglês que não apenas americana ou britânica nas habilidades receptivas e de compreensão;

⁵ Cf. o trecho original: “ELF is not just a contact language where English is a domestic language or otherwise especially salient in a given community, but a non-local lingua franca, the means of communicating between people from anywhere in the world”.

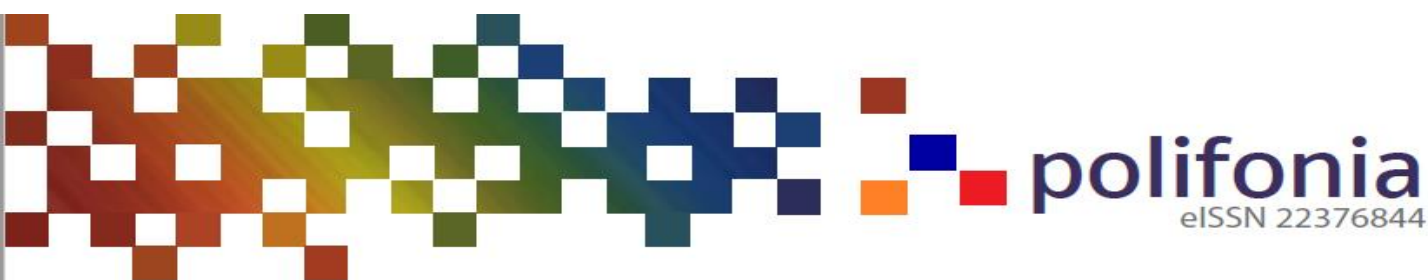
⁶ Neste ano de 2007, Jenkins publica pela Oxford University Press justamente o livro intitulado *English as a lingua franca: attitude and identity*, tomando como base suas pesquisas com falantes internacionais de língua inglesa.



- 3) Ampliação dos tópicos e temas trazidos para a sala de aula, abrangendo temas sociais de alcance global;
- 4) Conscientização sobre o papel das línguas nas sociedades e especialmente do inglês como língua de comunicação internacional, que nos permite acessar informações e interagir com pessoas ao redor do mundo;
- 5) Compreensão da expansão do inglês no mundo e sua vinculação com a globalização econômica;
- 6) Desenvolvimento de maior criticidade com relação à associação do inglês a americanos ou ingleses;
- 7) Possibilidade de se criar outros procedimentos interpretativos e novos sentidos para o que lê, ouve, escreve e fala (GIMENEZ *et al.*, 2011, p. 15).

Os professores de inglês, no bojo desse debate, para que se sintam agentes de transformação e não apenas “reprodutores” de conteúdo, devem sempre se orientar por uma postura crítica em relação às propostas teóricas, formulando, quando necessário e possível, propostas alternativas baseadas nas experiências vividas e nas exigências práticas nelas verificadas, ficando atentos inclusive à questão do imperialismo linguístico (RAJAGOPALAN, 2003). Ou seja, nesse contexto de contestações cada vez mais visíveis, o papel do professor de inglês, naturalmente, é forçado a passar por um significativo redimensionamento que, entre outros aspectos, o levará a desenvolver uma maior sensibilidade visando a considerar as verdadeiras necessidades de uso da LI por parte de seus aprendizes.

Diante dessas implicações, portanto, o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa nos seus moldes tradicionais deve ser repensado, tanto pelos que gerem e ditam as normas de ensino, quanto pelos que o fazem acontecer dentro das salas de aula. Para Jenkins *et al.* (2011), o maior desafio para as pesquisas em ILF nos próximos anos é colocar estudos, cada vez mais sólidos, à disposição dos pesquisadores e professores de língua inglesa para que estes, diante do acesso mais amplo e democrático, possam analisá-los e, assim, comecem a levar em consideração as descobertas feitas pelas pesquisas em ILF em sua prática pedagógica.



No tópico a seguir, será apresentado um sucinto panorama da produção científica sobre o ILF no Brasil e no mundo durante o período de aproximadamente duas décadas.⁷

3 Breve panorama da produção científica sobre ILF

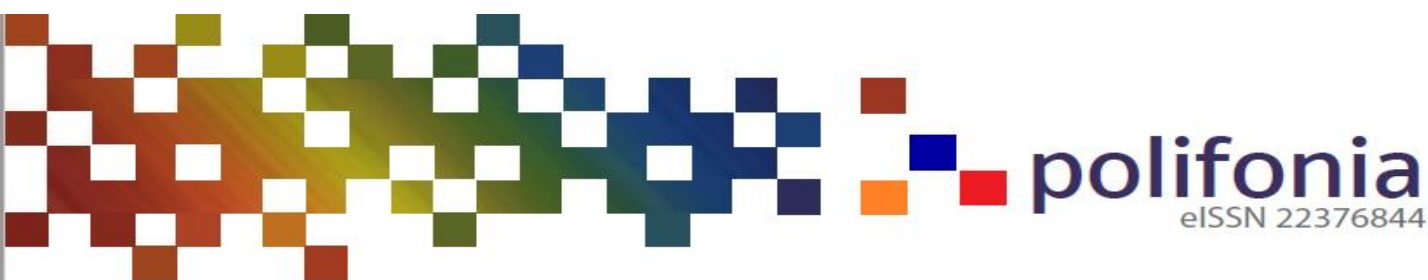
Os estudos voltados para o Inglês como Língua Franca (ILF) no Brasil foram mapeados em dois trabalhos. O primeiro, intitulado *Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços*, foi publicado em 2011 e apresentou 25 (vinte e cinco) trabalhos, entre dissertações, teses e artigos, referentes ao período de 2005 a 2010 (CALVO; EL KADRI, 2011). É importante destacar que as palavras-chaves utilizadas nesse levantamento realizado pelas autoras foram *inglês como língua franca*, *inglês como língua global* e *inglês como língua internacional*, considerando as seguintes fontes: Banco de Teses CAPES⁸, *Google Scholars*, alguns periódicos brasileiros na área de Letras/Linguística e anais de eventos nacionais.

O segundo mapeamento, por sua vez, faz parte da dissertação de mestrado intitulada *Estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro (2005-2012)* (BORDINI, 2013), que traz 67 (sessenta e sete) trabalhos, sendo dissertações, teses, artigos e um livro específico. É importante destacar que, nesta última busca, o quantitativo foi ampliado em mais de 62%, num período de dois anos, sendo que esse levantamento considerou as mesmas fontes de dados do estudo anterior e incluiu nas palavras-chave o termo *inglês como língua multinacional*.

No seu trabalho, Calvo e El Kadri (2011, p. 39) destacam que o inglês como língua franca é um “foco relevante para a pesquisa e vem ganhando mais espaço dentro do escopo da Linguística Aplicada”, além de salientarem que as discussões envolvendo esse tema estão cada vez mais presentes nas programações de eventos acadêmicos e nas publicações de seus respectivos anais.

⁷ O compêndio de informações apresentado na referida seção faz parte da pesquisa de doutorado de Roberta Pereira Peixoto intitulada “Inglês como língua do mundo: um olhar sobre a escola pública baiana”, sob a orientação de Sávio Siqueira (PEIXOTO, 2018).

⁸ Nesse banco de dados, só estavam disponíveis os trabalhos até 2009.



Entretanto, frente a isso, podemos afirmar que o número de trabalhos sobre ILF ainda é relativamente pequeno se considerarmos que os estudos nessa área, mesmo que não utilizando o termo ILF especificamente, tenham tido início há mais de vinte anos. Bordini e Gimenez (2014), por exemplo, chamam a atenção para a ausência de pesquisas empíricas de interações que envolvem brasileiros, o que, conseqüentemente, exige a utilização quase que maciça de literatura internacional na formação de professores de língua inglesa.

Fazendo uma busca no Repositório da Universidade Federal da Bahia (UFBA)⁹, apenas duas dissertações foram localizadas utilizando a palavra-chave “*inglês como língua franca*”. A primeira intitulada *Yes, nós temos chiclete com banana e BA-VI não é football: o diálogo intercultural nas aulas de inglês como língua franca (ILF)* (SANTOS, 2013) e a segunda intitulada *Dialogando no terceiro lugar: o uso intercultural da língua Inglesa por professores em formação em um curso de letras* (FIGUEIREDO NETO, 2014). Também foi localizada uma tese utilizando a palavra-chave “*inglês como língua internacional*” denominada *Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica* (SIQUEIRA, 2008).

Na tentativa de fazer um levantamento das publicações disponíveis sobre o ILF além das fronteiras brasileiras, foi utilizada a plataforma *online* do *Web of Science* (sistema *Web of Knowledge*)¹⁰, que é uma base de dados referencial multidisciplinar que disponibiliza acesso a mais de 12.000 periódicos e 148.000 anais de conferências nas áreas de ciências, ciências sociais, artes e humanidades¹¹. Para isso, a busca foi feita em duas etapas utilizando, inicialmente, como fonte de dados a opção *Principal Coleção do Web of Science*, considerando a possibilidade de análise estatística dos resultados nessa opção, e, em seguida, ampliando a busca com a opção *Todas as bases de dados*, mas sem a oportunidade de análise dos resultados. O intervalo de tempo selecionado foi *todos os anos*, que equivale ao período de 1945 a 2017.

Na primeira busca¹², foram utilizados os mesmos termos em português selecionados nos mapeamentos apresentados anteriormente (“*inglês como língua franca*”, “*inglês como*

⁹ Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/>>. Acesso em 04 nov 2017.

¹⁰ Disponível em: <www.webofknowledge.com>. Acesso em 11 nov 2017.

¹¹ Fonte Thomson Reuters

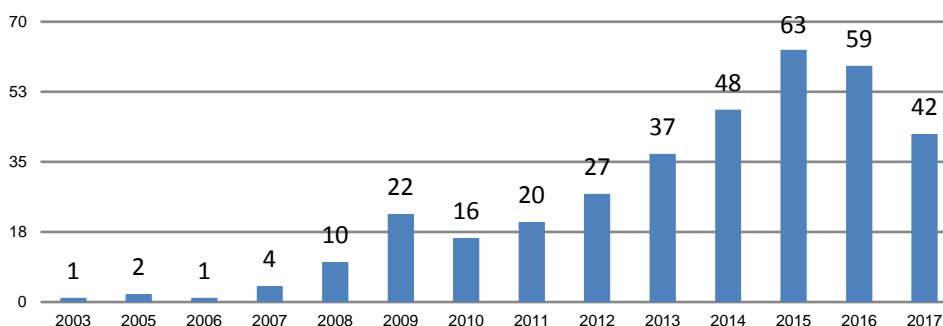
¹² O levantamento foi atualizado em 11 de novembro de 2017.



língua internacional” e “*inglês como língua global*”)¹³, sendo que nenhum trabalho foi localizado. Utilizando os equivalentes na língua inglesa, foram localizados os seguintes dados: com o termo “*English as a lingua franca*” foram localizados 388 trabalhos, já com o termo “*English as an international language*”, 155 estudos e, por fim, fazendo uso do termo “*English as a global language*” foram registrados 78 trabalhos. Porém, ao refinarmos a busca selecionando as categorias *Linguistics*, *Language Linguistics* e *Education Educational Research*, a quantidade dos estudos reduziu-se para 352, 136 e 61 respectivamente.

Ao mapearmos a produção sobre ILF no mundo a partir do número de trabalhos publicados por ano, representados nos Gráficos 1, 2 e 3 que seguem, é possível verificar que o termo em inglês *English as a lingua franca* (ELF), apesar de ser o mais recente a aparecer entre as publicações (ano de 2003), é justamente o que apresenta o maior número de trabalhos divulgados. Além disso, os dados sugerem uma curva de crescimento mais acentuado nas publicações com este termo ao longo dos anos, ao contrário do que ocorre com as publicações com os termos *English as an international language* (EIL) e *English as a global language* (EGL), indicando, desta forma, uma tendência interessante de crescimento nas pesquisas sobre o *ELF* (ILF) nos últimos anos, como também uma maior aceitação do uso do termo entre os teóricos da área.

Gráfico 1. Publicações anuais com o termo ELF



¹³ Vale ressaltar que o comando “entre aspas” efetua a busca pela ocorrência exata de tudo que está entre as aspas.
Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, p. 01-357, jul.-set., 2019.

Gráfico 2. Publicações anuais com o termo EGL

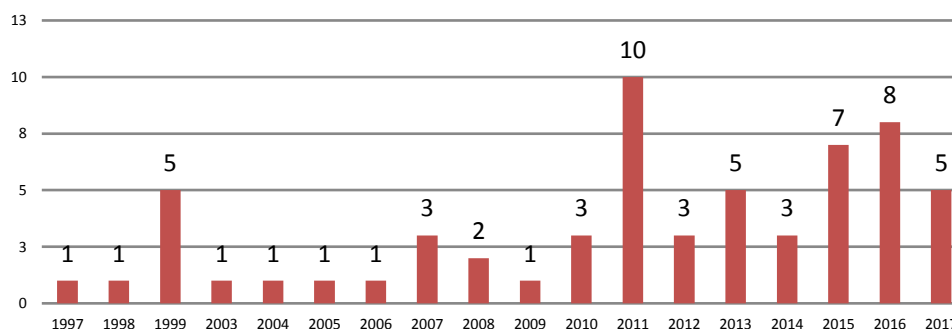
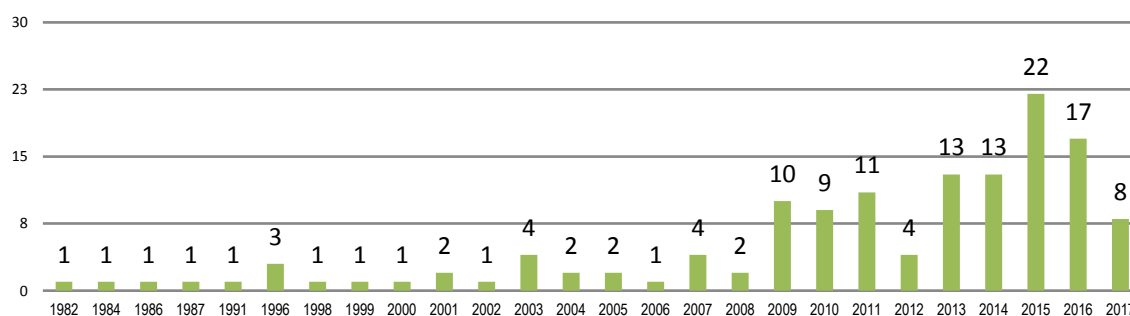


Gráfico 3. Publicações anuais com o termo EIL



Outro aspecto interessante que pode ser observado é o aumento das publicações com a utilização do termo EIL, representado no Gráfico 3, no mesmo período em que também há o crescimento dos estudos utilizando o ELF (cf. Gráfico 1). Uma explicação possível para esse fato é a resistência apresentada por alguns teóricos na utilização da nomenclatura *inglês como língua franca*, optando, então, por fazer uso do termo *inglês como língua internacional*, considerado um termo mais neutro. Segundo Jenkins (2012), para aqueles que pesquisam ELF, os dois termos são sinônimos e, ao final da última década, ELF ganhou ascendência enquanto que o termo EIL passou a ser minoria, principalmente por causa de sua ambiguidade.

Quando analisamos as publicações levando em consideração o país de origem, constantes nos Gráficos 4, 5 e 6 a seguir, é possível afirmar que o termo ELF, apesar de estar presente nos estudos de uma grande quantidade de países, é mais utilizado no contexto europeu, sendo a Inglaterra o país líder do *ranking*. Jenkins (2000), mesmo utilizando o termo *English as an international language*, apresenta algumas vantagens do termo *English as a lingua franca*, entre elas a de que o nome em latim, simbolicamente, transfere a propriedade do inglês



dos anglos para povo algum e, conseqüentemente, para todos que o falam.

Gráfico 4. Países de origem das publicações - ELF¹⁴

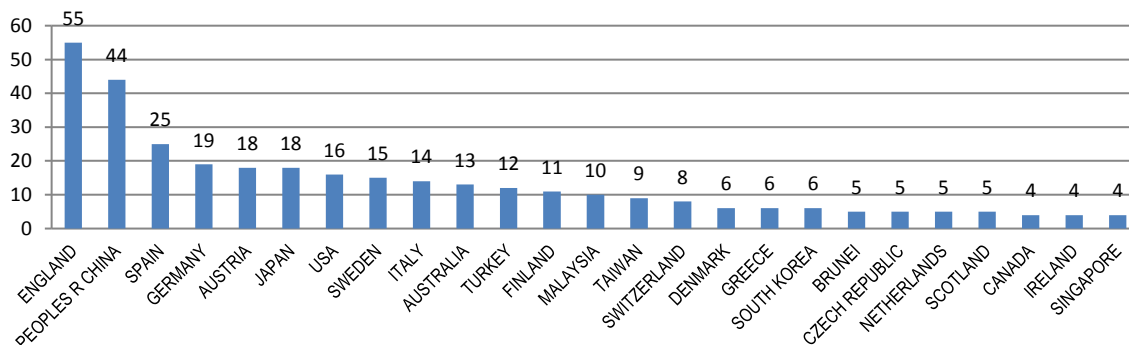


Gráfico 5. Países de origem das publicações – EIL

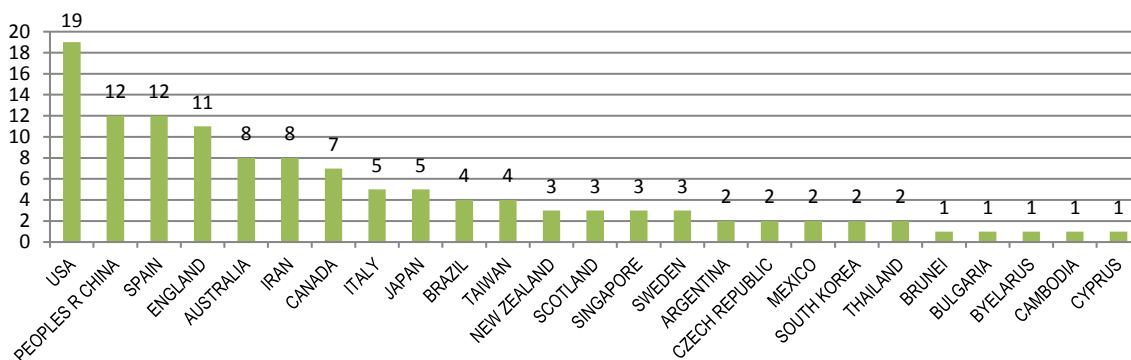
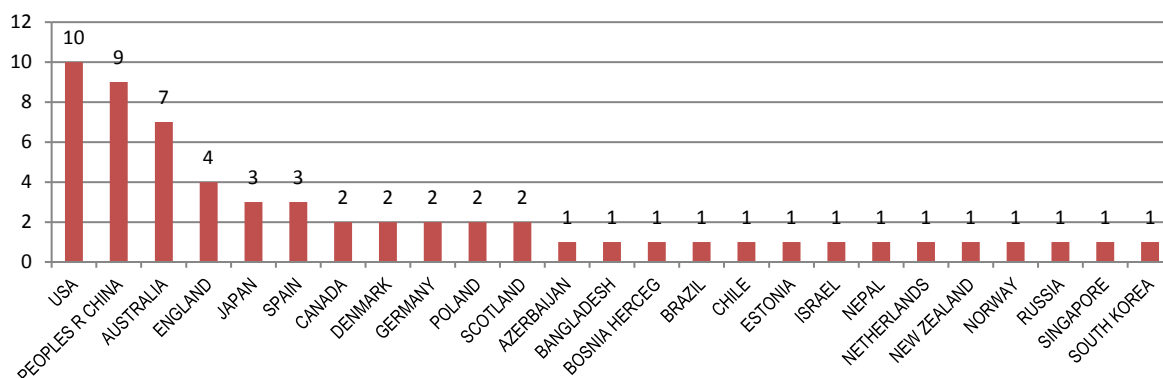
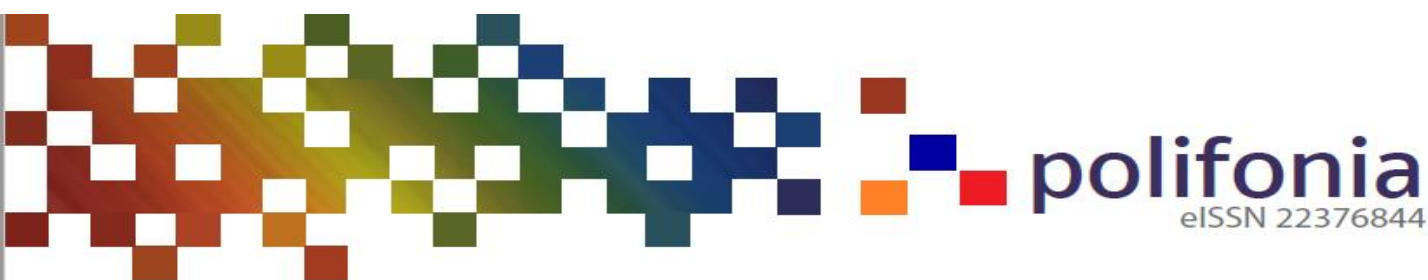


Gráfico 6. Países de origem das publicações – EGL



Se levarmos em consideração as publicações brasileiras que fazem uso do termo ELF,

¹⁴ Nesse levantamento, o Brasil apresenta 2 (duas) publicações, não aparecendo sequer entre os 25 países que mais publicaram no período do levantamento.



perceberemos que o quantitativo é consideravelmente reduzido em comparação aos países que mais publicaram, demonstrando que, apesar do aumento significativo de estudos em nosso país (CALVO; EL KADRI, 2011), ainda é necessário buscar a divulgação desses trabalhos em periódicos com visibilidade mais ampla.

Uma possível explicação para o número reduzido dessas publicações pode ser inferida a partir da leitura do texto de origem brasileira disponível no levantamento com esse termo, publicado em 2015, doze anos após o primeiro registro nessa busca. O artigo apareceu no *International Journal of Applied Linguistics*, intitulado *Tradition and difference: can mainstream academic discourse in Applied Linguistics ever change?* (JORDÃO, 2015). Segundo a autora, o “texto é uma reação a revistas acadêmicas de orientação ‘europeia’ (ou do “Norte Global”) no campo do ensino-aprendizagem de inglês, especialmente aquelas que costumeiramente rejeitam artigos com base em usos particulares, localizados, do discurso acadêmico”, o que, na visão de Jordão, trata-se de uma “ditadura das revistas especializadas mais tradicionais e seus modos prepotentes de construir a ilusão de controlar a linguagem” (JORDÃO, 2015, p. 422).

Ainda para Jordão (2015, p. 422-423), “tudo não está bem quando alguém escreve das margens”, e ela escrevia de sua margem, “de uma margem chamada Brasil, para ser mais específica”. Essa mesma questão foi levantada por Rajagopalan (2011, p. 54) quando ele afirmou que “as revistas acadêmicas do mundo anglófono ainda funcionam como último reduto do inglês padrão, privilegiando os supostos ‘nativos’ e discriminando os demais”. Um ponto importante a ser destacado sobre o referido artigo de Jordão (2015) é que, apesar de não abordar explicitamente sobre o ELF, a autora deixa bem evidente o que já vem sendo discutido há muito tempo sobre quem teria a propriedade do inglês e ditaria as suas normas, questionando, assim, a exclusão de todos aqueles que não fazem uso do chamado dialeto “padrão”.

Com a utilização do termo EIL, foram encontrados 4 estudos brasileiros: 1) *Teaching English as an international language* (RAJAGOPALAN, 2003); 2) *Critical pedagogy in ELT: Images of Brazilian teachers of English* (COX E ASSIS-PETERSON, 1999); 3) *Globalization and internationalization in ELT: methodology, technology and language policy at a crossroad in Brazil* (FINARDI; PORCINO, 2014); e *Technology, English language teaching and internationalization at a crossroad: insights from the analysis of a virtual learning*



environment in Brazil (FINARDI *et al.*, 2014). Já com o termo EGL, apenas 1 trabalho brasileiro foi encontrado: *English as a global language* (MATOS, 1997).

Além do número de publicações e seus países de origem, o levantamento realizado nos permite verificar quem são os autores dos trabalhos publicados. Nos Gráficos 7, 8 e 9 dispostos abaixo, estão representados os 25 (vinte e cinco) primeiros autores mostrados na busca.

Gráfico 7. Autores das publicações – ELF

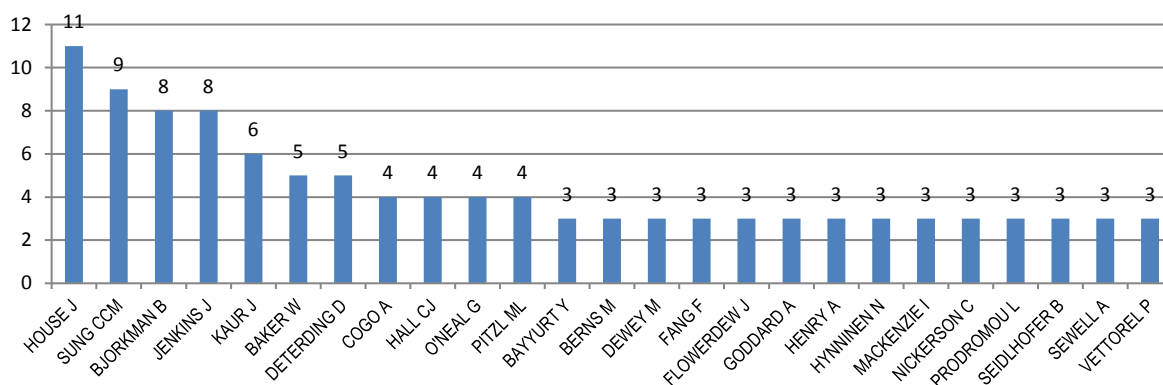
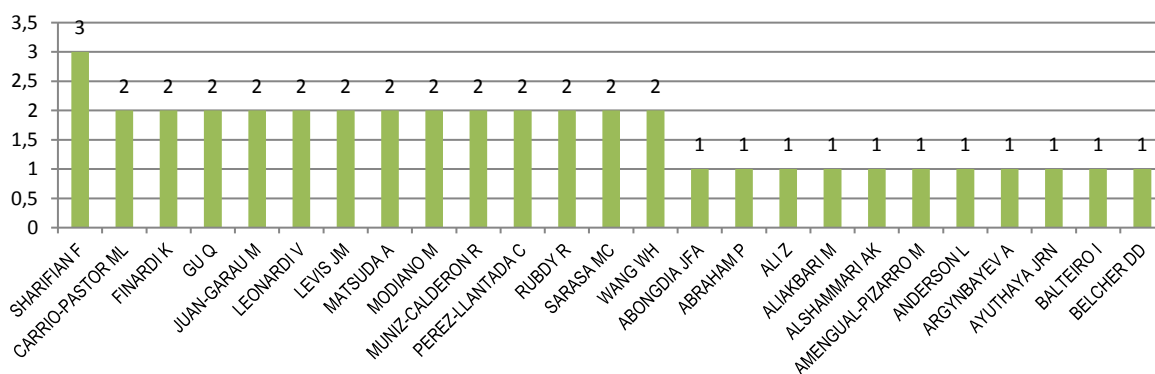


Gráfico 8. Autores das publicações – EIL



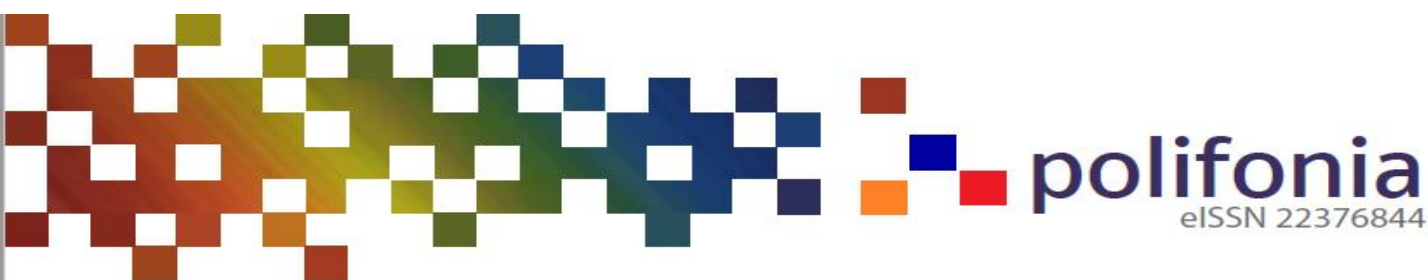
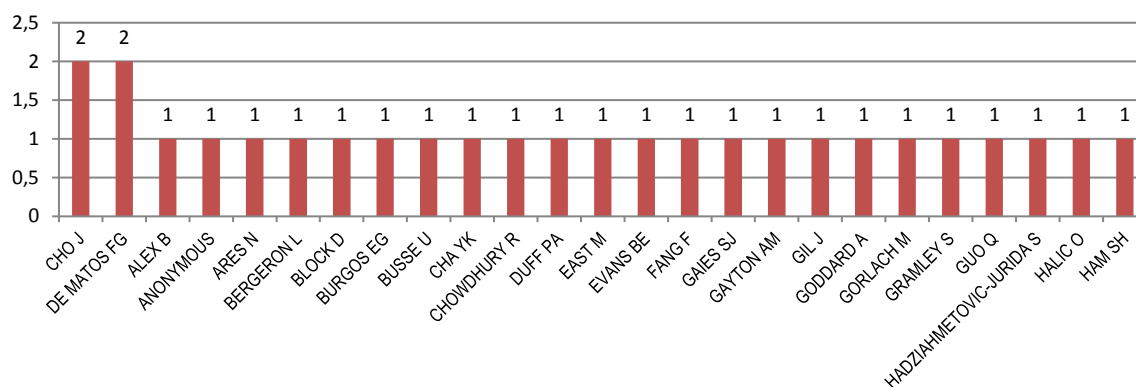


Gráfico 9. Autores das publicações – EGL



Com o mapeamento, temos acesso também aos trabalhos mais citados no período pesquisado, consoante tabelas dispostas a seguir. Nesse pormenor, é relevante levar em consideração que o número de citações dos artigos científicos de um periódico influencia diretamente na determinação do seu fator de impacto na área específica. Para a elaboração da tabela, foram selecionados os 10 (dez) primeiros registros.

Tabela 1. Estudos mais citados – ELF¹⁵

Título	Autores	Título da fonte	Ano da publicação	Total de citações
Current perspectives on teaching World Englishes and English as a Lingua Franca	Jenkins, Jennifer	TESOL QUARTERLY	2006	219
English as a lingua franca: A threat to multilingualism?	House, J.	JOURNAL OF SOCIOLINGUISTICS	2003	200
Review of developments in research into English as a lingua franca	Jenkins, Jennifer; Cogo, Alessia; Dewey, Martin	LANGUAGE TEACHING	2011	156
Content-and-Language Integrated Learning: From Practice to Principles?	Dalton-Puffer, Christiane	ANNUAL REVIEW OF APPLIED LINGUISTICS	2011	135
English as a lingua franca in Nordic corporate mergers: Two case companies	Louhiala-Salminen, L.; Charles, M.; Kankaanranta, A.	ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES	2005	106

¹⁵ Todos os dados constantes nas tabelas encontram-se exatamente como apresentados na Plataforma *Web of Science*.

English as a lingua franca in international business contexts	Nickerson, C.	ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES	2005	88
English as a lingua franca: interpretations and attitudes	Jenkins, Jennifer	WORLD ENGLISHES	2009	84
Common ground and different realities: world Englishes and English as a lingua franca	Seidlhofer, Barbara	WORLD ENGLISHES	2009	67
The Cultures of English as a Lingua Franca	Baker, Will	TESOL QUARTERLY	2009	54
Using English for international business: A European case study	Rogerson-Revell, Pamela	ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES	2007	54

Fonte: Plataforma *Web of Science*. Acesso em 11 nov 2017.

Tabela 2. Estudos mais citados – EIL

Título	Autores	Título da fonte	Ano da publicação	Total de citações
A sociolinguistically based, empirically researched pronunciation syllabus for English as an international language	Jenkins, J.	APPLIED LINGUISTICS	2002	159
The changing global economy and the future of English teaching	Warschauer, M.	TESOL QUARTERLY	2000	102
Incorporating world Englishes in teaching English as an international language	Matsuda, A.	TESOL QUARTERLY	2003	54
Pronunciation issues and EIL pedag in the periphery: A survey of Greek state school teachers' beliefs	Sifakis, Nicos C.; Sougari, Areti-Maria	TESOL QUARTERLY	2005	46
English as an international language of scientific publication: a study of attitudes	Ferguson, Gibson; Perez-Llantada, Carmen; Plo, Ramon	WORLD ENGLISHES	2011	43
The development of English as an international language of medicine	MAHER, J.	APPLIED LINGUISTICS	1986	43
Which English? Whose English? An investigation of 'non-native' teachers' beliefs about target varieties	Young, Tony Johnstone; Walsh, Steve	LANGUAGE CULTURE AND CURRICULUM	2010	26
English as an international language: A curriculum blueprint	Matsuda, Aya; Friedrich, Patricia	WORLD ENGLISHES	2011	25
Presentation of local and international culture in current international English-language teaching textbooks	Shin, Jeeyoung; Eslami, Zohreh R.; Chen, Wen-Chun	LANGUAGE CULTURE AND CURRICULUM	2011	20

Cultural schemas in L1 and L2 compliment responses: A study of Persian-speaking learners of English	Sharifian, Farzad	JOURNAL OF POLITENESS RESEARCH-LANGUAGE BEHAVIOUR CULTURE	2008	19
---	-------------------	---	------	----

Fonte: Plataforma *Web of Science*. Acesso em 11 nov 2017.

Tabela 3. Estudos mais citados – EGL

Título	Autores	Título da fonte	Ano da publicação	Total de citações
The impact of English as a global language on educational policies and practices in the Asia-Pacific region	Nunan, D.	TESOL QUARTERLY	2003	273
Neoliberalism as language policy	Piller, Ingrid; Cho, Jinhyun	LANGUAGE IN SOCIETY	2013	63
English as a global language in China: An investigation into learners' and teachers' language beliefs	Pan, Lin; Block, David	SYSTEM	2011	32
Beyond communicative language teaching: What's ahead?	Savignon, Sandra J.	JOURNAL OF PRAGMATICS	2007	30
English as a global language.	Phillipson, R.	APPLIED LINGUISTICS	1999	25
English as a global language and the question of nation-building education in Bangladesh	Imam, SR	COMPARATIVE EDUCATION	2005	22
Automated writing evaluation: defining the classroom research agenda	Warschauer, Mark; Ware, Paige	LANGUAGE TEACHING RESEARCH	2006	21
English as a Transcultural Language in Swedish Policy and Practice	Hult, Francis M.	TESOL QUARTERLY	2012	17
Being neutral? English pronunciation among Norwegian learners	Rindal, Ulrikke; Piercy, Caroline	WORLD ENGLISHES	2013	8
Naming and defining in world Englishes	Seargeant, Philip	WORLD ENGLISHES	2010	3

Fonte: Plataforma *Web of Science*. Acesso em 11 nov 2017.

Na segunda etapa do levantamento das publicações, ao selecionar a opção *Todas as bases de dados* utilizando o termo “*English as a lingua franca*”, o quantitativo de estudos foi ampliado para 412 publicações, sendo 5 de origem brasileira, ou seja, o artigo de Jordão (2015) citado anteriormente e outros quatro relacionados na tabela a seguir.

Tabela 4. Estudos brasileiros utilizando o termo *English as a lingua franca* (Todas as bases de dados)

Título	Autores	Título da fonte	Ano da publicação
English as a Lingua Franca: Applied Linguistics, Marxism, and Post-Marxist theory Inglês como Língua Franca: Linguística Aplicada, marxismo e a teoria pós-marxista	Schmitz, John Robert	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	2017
Language ideologies on English as a Lingua Franca in Brazil: conflicting positions expressed by undergraduate students	Carrera Szundy, Paula Tatianne	JOURNAL OF ENGLISH AS A LINGUA FRANCA	2017
Tradition and difference: can mainstream academic discourse in Applied Linguistics ever change?	Jordao, Clarissa Menezes	INTERNATIONAL JOURNAL OF APPLIED LINGUISTICS	2015
Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes English as a lingua franca: recent developments	Gimenez, Telma; Kadri, Michele Salles El; Calvo, Luciana Cabrini Simões; Siqueira, S.; Porfirio, L.	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	2015
"To ELF or not to ELF?" (English as a Lingua Franca): that's the question for Applied Linguistics in a globalized world "ELF ou não" (Inglês como Língua Franca): eis a questão para a Linguística Aplicada no mundo globalizado	Schmitz, John Robert	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	2012

Fonte: Plataforma *Web of Science*. Acesso em 11 nov 2017.

Depois, fazendo uso do termo “*English as an international language*”, o número de estudos foi ampliado para 182, com 7 publicações originárias do Brasil (cf. Tabela 5), sendo que uma delas já foi apresentada na Tabela 4 (SCHMITZ, 2012) e as outras quatro foram listadas na primeira busca: (COX E ASSIS-PETERSON, 1999), (RAJAGOPALAN, 2003), (FINARDI; PORCINO, 2014) e (FINARDI *et al.*, 2014).

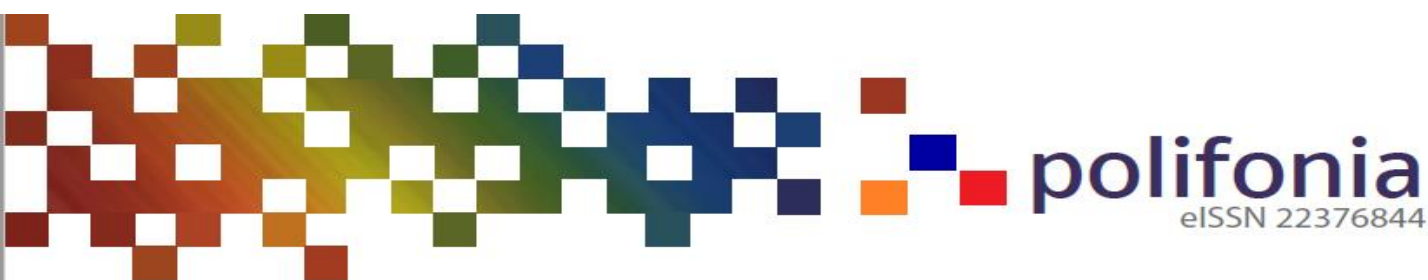
Tabela 5. Estudos brasileiros utilizando o termo *English as an international language* (Todas as bases de dados)

Título	Autores	Título da fonte	Ano da publicação
Decolonizing identities: English for internationalization in a Brazilian university	Jordao, Clarissa Menezes	INTERFACES BRASIL-CANADA	2016
Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização	Finardi, Kyria Rebecca; Porcino, Maria Carolina	Ilha do Desterro	2014
Globalization and internationalization in ELT: methodology, technology and language policy at a crossword in Brazil	Finardi, Kyria; Porcino, Maria Carolina	Ceri2014: 7th International Conference of Education, Research and Innovation	2014
Technology, English language teaching and internationalization at a crossroad: insights from the analysis of a virtual learning environment in Brazil	Finardi, Kyria; Prebianca, Gicele V. V.; Schmitt, Jeovani; et al..	Ceri2014: 7th International Conference of Education, Research and Innovation	2014
"To ELF or not to ELF?" (English as a Lingua Franca): that's the question for Applied Linguistics in a globalized world "ELF ou não" (Inglês como Língua Franca): eis a questão para a Linguística Aplicada no mundo globalizado	Schmitz, John Robert	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	2012
Teaching English as an international language.	Rajagopalan, K	Word-Journal of the International Linguistic Association	2003
Critical pedagogy in ELT: Images of Brazilian teachers of English	Cox, MIP; De Assis-Peterson, AA	TESOL QUARTERLY	1999

Fonte: Plataforma *Web of Science*. Acesso em 11 nov 2017.

Já com o termo “*English as a global language*”, houve um acréscimo de 20 trabalhos, sendo apenas 1 com origem em nosso país, o mesmo encontrado na primeira busca, isto é, Matos (1997).

Para concluir este tópico e considerando que o levantamento realizado na plataforma *Web of Science*, apesar de amplo, não abrange todas as formas de publicação, será apresentada, a seguir, uma linha do tempo (Figura 1 em anexo) contendo obras significativas para os estudos de ILF que, ao longo de um tempo relativamente curto, cerca de duas décadas, como assinalado, vêm se desenvolvendo e se solidificando de forma bastante significativa. Vale ressaltar que



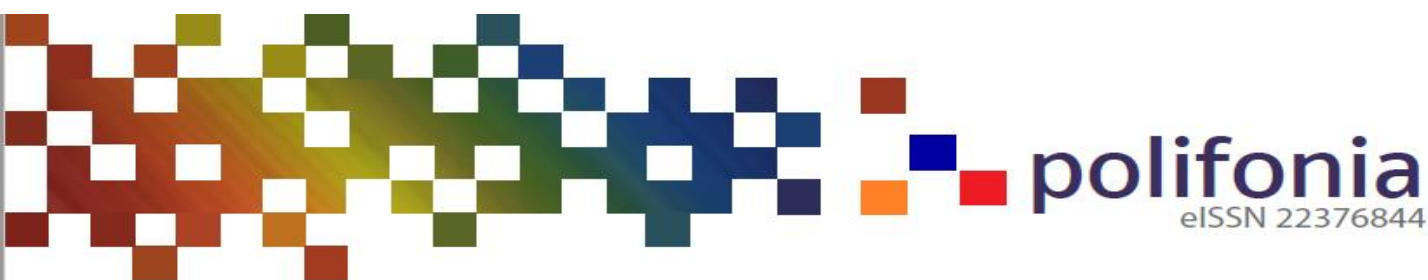
foram selecionados estudos publicados tanto no Brasil quanto no exterior, tendo como ponto inicial as duas obras consideradas fundadoras desse campo científico: Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001).

4 Considerações Finais

A condição de língua franca global alcançada pelo inglês tem provocado inúmeras discussões no sentido de repensarmos, em diferentes níveis, muitas práticas pedagógicas que, de alguma maneira, não mais respondem às demandas de vários contextos em que a língua é ensinada e aprendida com objetivos cada vez mais diversos (SIQUEIRA, 2012, p. 340).

Os resultados do levantamento realizado e aqui explorado deixam clara a evolução no número de publicações científicas relacionadas à temática “inglês como língua franca”, ao mesmo tempo em que revelam uma certa carência de estudos e publicações com origem em nosso país. Conhecer o que vem sendo publicado sobre ILF, princípios e implicações pedagógicas, por exemplo, é fundamental tanto para professores em formação quanto para docentes que já atuam em sala de aula. Na nossa ótica, é essencial que esses profissionais discutam e reflitam sobre essa temática a fim de inserir seus espaços instrucionais no contexto mais amplo onde a língua inglesa opera na contemporaneidade.

Conforme Sifakis (2014, p. 326), os professores de inglês atuando nos tempos de hoje precisam trilhar um caminho (“*make a journey*”). Inicialmente, segundo o autor, eles precisam entender o que é o ILF e quais as suas consequências e implicações para o processo de ensino e aprendizagem. Depois, os docentes devem lidar com o crescimento célere da literatura sobre essa temática e com os obstáculos criados pelas suas próprias convicções. Em seguida, eles devem estar abertos para desenvolver um plano de ação no intuito de, por fim, lidar com mais obstáculos, só que, desta vez, oriundos do seu próprio contexto, lançados por aprendizes, pais, educadores, administradores, entre outros. Ainda segundo o pesquisador, essa viagem reflexiva feita pelo professor deve transcender uma perspectiva crítica que, na sua visão, está mais focada no entendimento e mudança do contexto, e alcançar o que ele chama de uma perspectiva



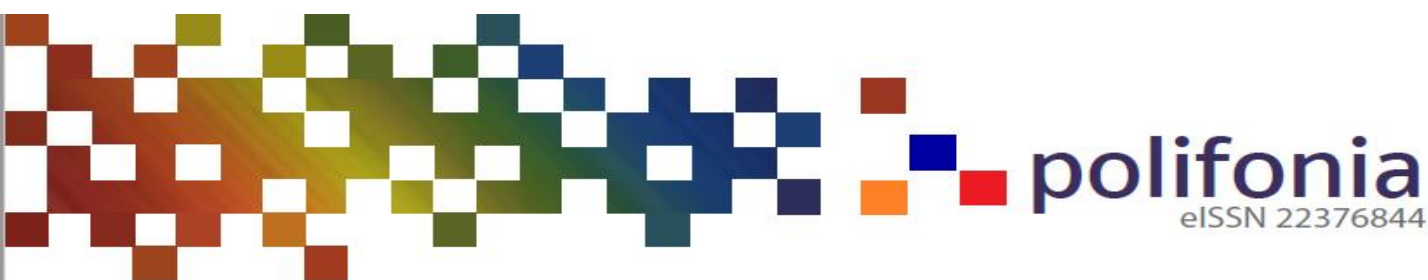
transformativa, voltada para o conhecimento e a transformação do indivíduo, levando-o “a confrontar e cambiar seus pontos de vista pré-estabelecidos sobre uma determinada questão, [assim como] a explorar novos terrenos e papeis alternativos com base em novas informações” (SIFAKIS, 2014, p. 327).

De acordo com Seidlhofer (2001), apesar de todo o avanço e consolidação dos estudos sobre ILF em uma escala global, a maior parte dos professores de língua inglesa parece ter a sua prática intocada pelo desenvolvimento nessa área, sendo que poucos participam das discussões, quase não têm acesso à literatura produzida pelos pesquisadores, raramente frequentam eventos acadêmicos de grande porte, mesmo em escala regional ou nacional. Conseqüentemente, é fácil se prever que o ensino de língua inglesa pelo mundo é muito pouco modificado pelas discussões teóricas sobre o tema.

Na verdade, a intenção dos pesquisadores em ILF nunca foi propor um novo padrão de inglês que pudesse ser utilizado em contextos diversos, mas, sim, chamar a atenção para o caráter heterogêneo dessa língua em situações de contato, bem como provocar nos professores e profissionais de Ensino de Língua Inglesa (ELI), reflexões sobre as suas crenças e suas práticas sobre o significado de ILF dentro do seu ambiente de ensino (SEIDLHOFER, 2001).

Para Rajagopalan (2012, p. 66), “a adoção ou não de uma norma linguística para fins de didática e as implicações ideológicas dos seus desdobramentos”, é fruto de uma decisão de caráter político. Segundo Graddol (2000), ao optarmos por uma variedade de inglês que apresenta características híbridas, estaremos privilegiando a (re)construção de novas identidades a partir da união do global com o local, e não apenas contribuindo para a disseminação de culturas que, ao longo do tempo, ostentaram posição de hegemonia. Assim, cabe ao professor de inglês enfrentar o grande desafio de encontrar uma forma de lidar com as variações que possam ser incorporadas ao processo de ensino da língua alvo e absorvidas por seus alunos (JENKINS *et al.*, 2011).

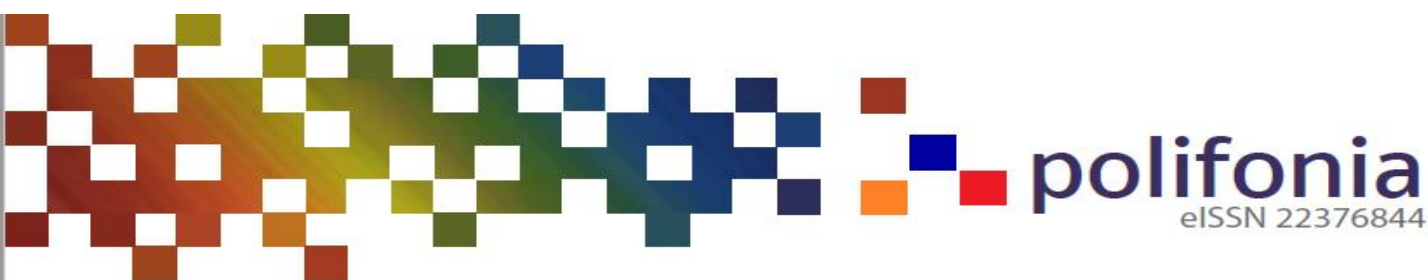
Ao fim e ao cabo, no cenário instrucional de ELI dos tempos atuais, afirma Siqueira (2011), entre tantas e múltiplas implicações suscitadas pelo ILF, o professor precisa estar pronto para encarar novos desafios que vão desde a escolha do(s) modelo(s) a ser(em) utilizado(s) em sala de aula, o papel da cultura, levando em consideração a desterritorialização do inglês, ao



desenvolvimento da competência comunicativa intercultural, entre outros aspectos. Cabe, portanto, uma formação cada vez mais crítica e qualificada do docente de língua inglesa contemporâneo, no sentido de a ele/ela se proporcionarem oportunidades constantes de contato com os resultados de pesquisas sobre o avanço do inglês como língua global. O campo de estudos ILF, com seus achados e desenvolvimentos, sem qualquer sombra de dúvidas, no nosso entendimento, é um dos mais profícuos da atualidade e, à luz dessa premissa, podemos afirmar que portas e janelas para o ILF já estão razoavelmente abertas. O mapeamento aqui delineado neste artigo mostra tal característica de forma ampla e clara. Por conta disso, fica, então, o nosso convite para se adentrar este “mundo novo”, cada vez mais admirável e desafiador.

Referências

- BERTO, P. L. English language teaching in Brazil: pursuing a pluricentric approach. *In: GIMENEZ, T. et al. (Orgs). Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores.* Campinas, Pontes, 2011, p. 139-161.
- BORDINI, M. *Estudos sobre inglês como língua franca no contexto brasileiro (2005-2012).* 2013. 227p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2013.
- BORDINI, M.; GIMENEZ, T. Estudos sobre Inglês como Língua Franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. *Signum: Estudos da Linguagem*, n. 17(1), p.10-43, 2014.
- CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Mapeamento de Estudos Nacionais sobre Inglês como Língua Franca: Lacunas e Avanços. *In: GIMENEZ, T. et al. (Orgs). Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores.* Campinas, Pontes, 2011, p. 17-44.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. Critical pedagogy in ELT: Images of Brazilian teachers of English. *TESOL Quarterly*, n. 33, p. 433-452, 1999.
- CRYSTAL, D. *English as a global language.* Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- FIGUEIREDO NETO, R. B. *Dialogando no terceiro lugar: o uso intercultural da língua Inglesa por professores em formação em um curso de letras.* Salvador, BA. 2014. 169p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2014.



FINARDI, K.; PORCINO, M. C. Globalization and internationalization in ELT: methodology, technology and language policy at a crossword in Brazil. *In: 7TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF EDUCATION, RESEARCH AND INNOVATION*. Sevilla, ICERI Proceedings, p. 79-84, 2014.

FINARDI, K. *et al.* Technology, English language teaching and internationalization at a crossroad: insights from the analysis of a virtual learning environment in Brazil. *In: 7TH INTERNATIONAL CONFERENCE OF EDUCATION, RESEARCH AND INNOVATION*. Sevilla, ICERI Proceedings, p. 4295-4304, 2014.

GIMENEZ, T. *et al.* (Orgs). *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Campinas, Pontes, 2011.

GRADDOL, D. *The future of English? A guide to forecasting the popularity of the English language in the 21st century*. The British Council. London, The English Company (UK) Ltda, 2000.

JENKINS, J. English as a Lingua Franca from the classroom to the classroom. *ELT Journal*, n. 66(4), p. 486-494, 2012.

_____. *English as a Lingua Franca: Attitude and Identity*. Oxford, Oxford University Press, 2007.

_____. *The phonology of English as an international language*. New models, new norms, new goals. Oxford, Oxford University Press, 2000.

JENKINS, J. *et al.* Review of developments in research into English as a lingua franca. *Language Teaching*, n. 44(3), p. 281-315, 2011.

JENKINS, J. *et al.* *The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca*. London/New York, Routledge, 2018.

JORDÃO, C. M. Tradition and difference: can mainstream academic discourse in Applied Linguistics ever change? *International Journal of Applied Linguistics*, n. 25(3), p. 422-425, 2015.

KACHRU, B. B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. *In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. English in the world: teaching and learning and literatures*. Cambridge, Cambridge University Press, p.11-30, 1985.

MATOS, F. G. de. English as global language. *TESOL Quarterly*, n. 31, p. 807-808, 1997.



MAURANEN, A. Conceptualizing ELF. In: JENKINS, J. *et al.* (Ed.). *The Routledge Handbook of English as a Lingua Franca*. London/New York, Routledge, p. 7-24, 2018.

MCKAY, S. L. *Teaching English as an International Language*. New York, Oxford, 2002.

PEIXOTO, R. P. *Monitor educacional (TV Pendrive): a tecnologia nas aulas de língua inglesa da escola pública*. 2013. 210 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2013.

PEIXOTO, R. P. *Inglês como língua do mundo: um olhar sobre a escola pública baiana*. 2018. 277 p. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2018.

RAJAGOPALAN, K. 'World English' or 'World Englishes'? Does it make any difference? *International Journal of Applied Linguistics*, n. 22(3), p. 374-391, 2012.

_____. O "World English" – um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, T. *et al.* (Orgs). *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Campinas, Pontes, p. 45-57, 2011.

_____. Teaching English as an international language. *Word-Journal of the International Linguistic Association*, n. 54, p. 129-132, 2003.

SANTOS, K. B. *Yes, nós temos chiclete com banana e BA-VI não é football: o diálogo intercultural nas aulas de inglês como língua franca (ILF)*. 2013. 137 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2013.

SCHMITZ, J. R. "To ELF or not to ELF?" (English as a Lingua Franca): that's the question for Applied Linguistics in a globalized world. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, n.12, p. 249-184, 2012.

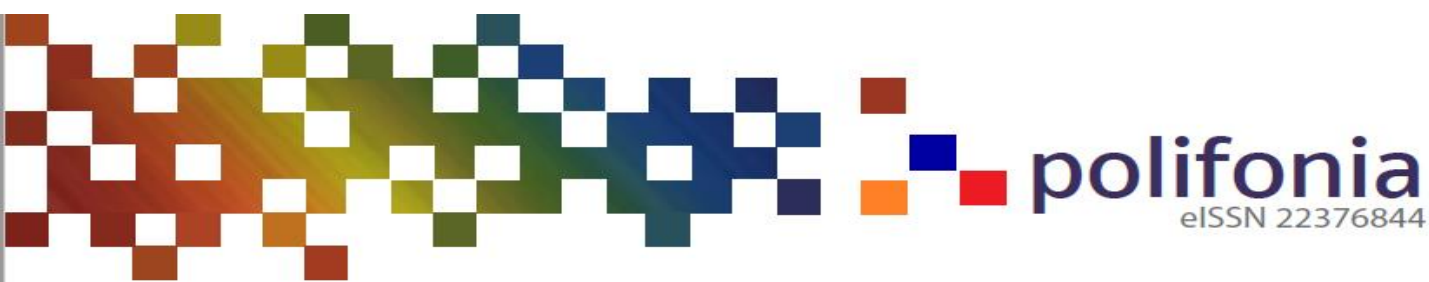
SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford, Oxford University Press, 2011.

_____. Common ground and different realities: world Englishes and English as a lingua franca. *World Englishes*, n. 28(2), p. 236-245, 2009.

_____. English as a lingua franca. *ELT Journal*, n. 59(4), p. 339-341, 2005.

_____. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 11(2), p. 133-158, 2001.

SIQUEIRA, D. S. P. Se o inglês está no mundo, onde está o mundo nos materiais didáticos de inglês? In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, D. S. P. (Org.). *Materiais Didáticos - Para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições*. Salvador, EDUFBA, p. 311-357. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, p. 01-357, jul.-set., 2019.



353, 2012.

_____. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. *In: GIMENEZ, T. et al. (Orgs). Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores.* Campinas, Pontes, p. 87-115, 2011.

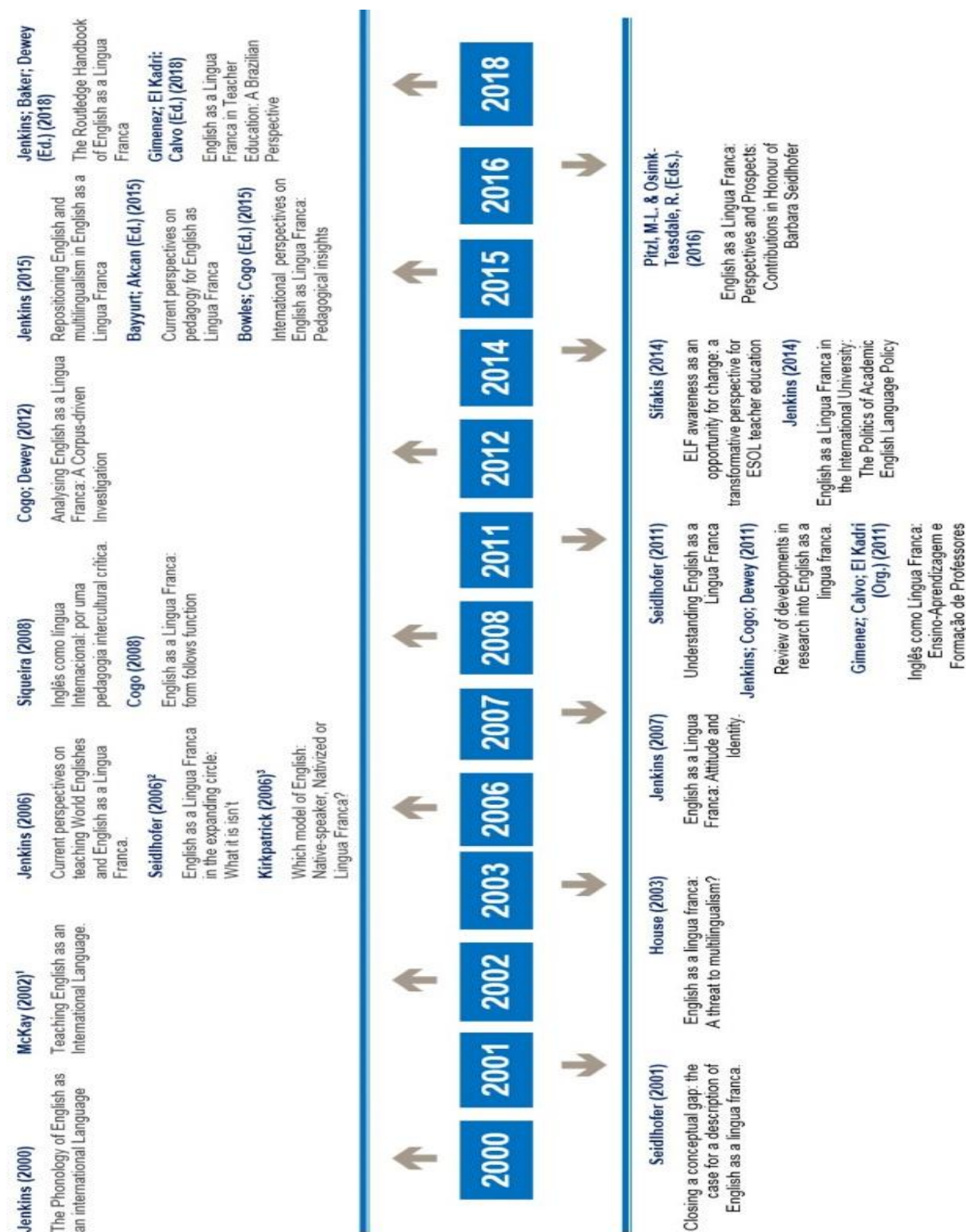
_____. *Inglês como língua Internacional: por uma pedagogia intercultural crítica.* 2008. 359 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2008.

SIFAKIS, N.C. ELF awareness as an opportunity for change: a transformative perspective for ESOL teacher education. *Journal of English as a Lingua Franca*, n. 3(2), p. 317-335, 2014.

SUNG, C. C. M. Out-of-class communication and awareness of English as a Lingua Franca. *ELT Journal*, n. 72(1), p. 7-25, 2018.

ANEXO

Figura 1. Linha do tempo com algumas produções significativas para o estudo de ELF



1 Embora McKay opte pelo termo Inglês como Língua Internacional (ILI), muitas de suas reflexões dialogam com o paradigma ILF e serviram de referência para os estudos iniciais do campo.

2 Capítulo in RUBDY, R., SARACENI, M. *English in the world: Global Roles, Global Roles*. London/New York: Continuum, 2006.

3 Idem nota anterior.